

FALTA DE TATO

12/19/58

(Especial para o "Correio do Povò")

GUSTAVO CORÇÃO

Chego tarde para prevenir, mas sempre é tempo de protestar com a esperança que a coisa não se repita. Alguns amigos tiveram a idéia de passar um telegrama ao Presidente da República pedindo encarecidamente que dispensasse os batedores no cortejo do Presidente Gronchi. Lembrariam aos encarregados da festa de recepção que o Presidente Gronchi é um fino e inteligente do Partido Democrata Cristão italiano, que em sua mocidade foi tenaz e incansável adversário do fascismo, que na sua austera e sadia velhice representa a vitória do bom senso e do bom gosto sobre a sinistra palhaçada que trouxe ao mundo os dias mais tenebrosos da história, e que, por conseguinte, seria uma lamentável falta de tato recebê-lo com os cerimoniais que evocam tantos desastros e que devem causar profunda tristeza na alma de um italiano inteligente e bom. Não passamos o telegrama.

Alguém, com muito bom senso, alegou que nossa voz não atinge as cúpulas e que a advertência seria inútil. E a falta de

tato se consumou. Vimos passar o cortejo de carros oficiais com a insolente e insultuosa velocidade de oitenta ou noventa quilômetros, vimos os batedores policiais, de braço duro, espetado no ar, passarem silvando furiosamente, semi-erguidos nas motocicletas que mais parecem instrumentos de agressão do que adornos de festa. Sáta o povo da frente, sumam-se os vagabundos, os vulgares municipais, os cidadãos sem títulos, porque aí vem o Poder! E' isto, em português ou em italiano, que dizem as sirenes dos motociclistas; é isto que significa o braço erguido e ameaçador, e a velocidade privilegiada, a velocidade agressiva, a velocidade desdenhosa, a velocidade transcendental e oficial com que passam os carros do cortejo, enquanto os outros, os que pagam impostos, se encolhem, se escondem, ou são escorraçados se não fogem a tempo. Prometi a mim mesmo não formular nenhuma jaculatória mental, em atenção ao ilustre representante da Democracia Cristã e da bela Itália recuperada. Cumpri a promessa. Vi passar os carros e não lhes fiz a saudação que costumo fazer. Recalquei, engoli, e voltei para casa triste e envergonhado, com vontade de escrever uma carta ao Gronchi, de democrata para democrata, pedindo-lhe desculpas.

Sempre detestei o fascismo, e entre as muitas coisas detestáveis que o compõem, sempre detestei especialmente as ostentações do poder. E' a coisa mais feia do mundo. Se é verdade — e quem o diz é o Papa — que a atividade política é a mais alta e mais nobre na ordem temporal, então, consequentemente, mais vil e mais baixa será a prática que desfigura a autoridade com a exaltação do poder. Ninguém em sã juízo contesta a necessidade do poder como instrumento da autoridade. A sociedade precisa ser protegida e defendida. São úteis os rapazes de boné vermelho, rápidos e vigorosos, nos momentos de desordem; mas deviam ser relegados ao segundo plano nos dias de festa.

Outra coisa que chamou a atenção de todas as pessoas de boa educação foi a irrequieta atitude do sr. Presidente de nossa república, a agradecer as palmas e as homenagens que se dirigiam ao visitante. Outra falta de tato. Ou de chá.